

# AS VÁRIAS FRONTEIRAS DE UM LÍDER: JUAREZ TÁVORA, O NORTE E A CONSTRUÇÃO DO HERÓI NO IMEDIATO PÓS-1930

Raimundo Helio Lopes  
(CPDOC/FGV)

**Resumo:** O artigo propõe investigar os vários significados da figura de Juarez Távora logo após a vitória do Movimento de 1930 e a formação da identidade regional-política do “Norte” e dos “revolucionários nortistas”. Inicialmente analiso estes dois conceitos, apresentando como os defino e a partir de quais critérios. Em seguida, tendo como base a correspondência enviada a Juarez, presente em seu arquivo pessoal, busco entender como os apoiadores do movimento de 30 – do Norte, mas não só dele – ajudaram a construir a figura de Juarez e todo o “heroísmo” em torno dela, procurando refletir sobre como sua liderança estava sendo estabelecida no novo contexto político, atentando aos seus vários significados e suas múltiplas fronteiras.

**Palavras-chave:** Juarez Távora, Norte, herói.

**Abstract:** The article aims to investigate the many meanings of Juarez Távora's leading figure after the triumph of 1930s movement, as well as the formation of a political regional identity such “Norte” and “revolucionários nortistas”. Initially, I analyze these two concepts, showing how and from which I set criteria. Then, based on the correspondence sent to Juarez Távora (from his personnel file), seeking to understand how the supporters of the 1930s movement – from North, but not only – helped to build Juarez as a leading figure and all the “heroism” around it, I try to catch up how his leadership was being established in the new political context, paying attention to its multiple meanings and multiple borders.

**Keywords:** Juarez Távora, North, Hero

## O Norte do pós-30 e os revolucionários nortistas

Nos primeiros quarenta e um anos da República brasileira, as elites políticas e econômicas da região Norte foram gradativamente afastadas do centro do poder federal, se comparados ao importante destaque que tiveram na primeira metade do século XIX. Isto, em muito, se deveu à crise econômica que a região vivia desde as últimas décadas que antecederam à proclamação da República, quando era incontestemente o declínio das exportações de açúcar e algodão. Esses grupos foram deslocados das esferas de poder, sendo principalmente os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul que passaram a ter maior destaque.<sup>1</sup> Quando o modelo político que se estabeleceu por essa lógica passou a ser questionado (eleitoral e militarmente), grande parte das elites políticas nortistas aderiu ao que seria nomeado, pelos próprios “revolucionários”, de Revolução de 30.

Na região Norte, o movimento de outubro de 30 foi amplo (marcado pelo apoio da população) e os “revolucionários” quase não encontraram resistência por parte dos governistas. A vitória veio através de uma campanha militar que tomou as guarnições da região, com alguma participação de voluntários civis. Segundo Dulce Pandolfi:

Durante a campanha presidencial de 1929-1930, a Aliança Liberal recebe rápidas adesões no Norte, ao assumir como uma de suas bandeiras a luta contra a submissão política dos governos estaduais frente ao governo central. Os aliancistas conseguem unir, desta forma, setores sociais de interesses bem diversos e até mesmo contraditórios. É essa situação específica que dá ao movimento de 30 no Norte um caráter bastante amplo e popular, encontrando poucas resistências. A única exceção ocorre na Bahia, onde a contra-revolução organiza-se, conseguindo esboçar algum nível de reação, embora seja rapidamente esmagada.<sup>2</sup>

O movimento de 30 no Norte teve como principal articulador Juarez Távora. Cearense, nascido no ano de 1898, ingressou no Exército em 1916, quando foi praça na Escola Militar do Realengo. Em 1922 foi um dos participantes do movimento tenentista de 5 de julho, derrotado pelas forças federais, e, após esse evento, não parou mais de lutar contra os governos da Primeira República. O tenentismo, é importante assinalar, ganhou força ao logo dos anos de 1920, tornando-se no final dessa década “uma moeda cobiçada no processo revolucionário de 1930” ao ser considerado “o mais legítimo representante do interesse nacional” e por possuir “um relativo conteúdo popular”.<sup>3</sup>

Juarez Távora tornou-se uma das principais lideranças dessa nova e importante, corrente e, em 1924, participou do levante tenentista de São Paulo, de onde saiu para organizar o mesmo tipo de reação nos estados do Sul. Em 1925, ingressou na Coluna Prestes-Miguel Costa, que percorreu milhares de quilômetros pelo país, lutando contra os governos de Artur Bernardes e Washington Luís. Não viu a coluna exilar-se no território da Bolívia e do Paraguai em fevereiro de 1927, pois foi preso em Teresina, Piauí, em dezembro de 1925, depois de um confronto com as tropas legalistas. Trazido para o Rio, ficou no cárcere da Ilha das Cobras até janeiro de 1927, quando fugiu, voltando a estabelecer contato com os companheiros de conspiração, como Isidoro Dias Lopes, Siqueira Campos, Miguel Costa, João Alberto e Osvaldo Aranha. Preso novamente, em janeiro de 30, conseguiu fugir menos de um mês depois, retomando os planos de deposição do governo.

Com a recusa de Luís Carlos Prestes, já ligado às ideias comunistas, Juarez Távora foi cogitado para ser o líder militar do movimento político, posto que acabou sendo ocupado por Góes Monteiro. Em março de 1930 chegou à Paraíba, de onde liderou os confrontos armados ocorridos naquela região, para, em 27 de outubro de 1930, desembarcar no Rio de Janeiro como o vitorioso chefe militar da Revolução no Norte, logo sendo chamado de “Vice-rei”.

A forte imagem que carrega esse “título-honorífico” retrata de modo muito pertinente seu papel na tomada de poder no Norte e sua liderança na região durante os primeiros anos do Governo Provisório. Contudo, o “vice-reinado” – termo bastante comum quando se pensa os estados nortistas nos primeiros anos da década de 1930, mas ainda pouco problematizado – é apenas uma das facetas de Juarez Távora e do Norte nessa conjuntura. Assim, um dos objetivos desse artigo, é mostrar o quão complexo foram o Norte e a liderança de Juarez no imediato pós-30.<sup>4</sup>

Antes de avançar na análise do papel político que coube a Juarez Távora depois dessa vitória, é preciso apresentar de qual Norte se está falando. Entende-se aqui como Norte uma área político-geográfica formada pelos estados que abrangem as atuais regiões Norte e Nordeste, acrescido do Espírito Santo. O Norte, nesse sentido, era compreendido pelo território federal do Acre e por doze estados: Amazonas, Pará, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Espírito Santo.

A presença do Espírito Santo causa uma estranheza inicial, já que esse estado não é relacionado quando comumente se pensa o Norte. O próprio decreto de dezembro de 1930 que criou a instituição destinada a gerir as relações entre o Norte e o Governo Provisório sob a liderança de Juarez Távora, a Delegacia Militar do Norte, não contemplava o estado como integrante da região. Portanto, como os indícios apontam, vale investir na reflexão sobre essa ideia de Norte, em inícios dos anos 1930.

Apenas no trabalho de Dulce Pandolfi<sup>5</sup> encontrei referências à integração do Espírito Santo a essa noção de Norte. Em todo seu texto, um dos poucos que estuda o Norte durante o Governo Provisório, existem duas referências àquele estado como fazendo parte dessa região. A primeira delas é um trecho de uma carta de João Neves da Fontoura, de dezembro de 1930, na qual ele escreve que a Juarez Távora “prestam vassalagem doze unidades da Federação – toda costa do Atlântico, desde o Espírito

Santo até o Amazonas”;<sup>6</sup> e a segunda, uma citação do jornal *Diário da Manhã*, de 20 de agosto de 1931, utilizada para definir o Bloco do Norte como sendo “uma frente única das forças renovadores do Brasil setentrional, do Amazonas ao Espírito Santo, para defender os interesses comuns da grande região outrora abandonada ao predomínio funesto da política perrepista”.

Apesar dessas duas referências, certamente pelo fato do trabalho de Dulce Pandolfi se centrar no estado de Pernambuco, não há maior interesse em um debate sobre esta noção de Norte. No caso desta pesquisa, essa é uma questão central, e o fato do Espírito Santo ser uma das unidades da federação que formava essa grande região, explica-se pela razão desse estado integrar uma área de influência de Juarez Távora, aos olhos dos atores contemporâneos, naquele momento político.

Por isso, para os participantes desse processo político, não havia dúvidas de que o estado capixaba era nortista, como revelam os muitos documentos que ratificam a delimitação que faço dessa região geopolítica, presentes no arquivo pessoal de Juarez Távora,<sup>7</sup> produzidos durante os primeiros anos do governo Vargas. Como exemplo, cito um telegrama de 1932, enviado a Juarez por João Punaro Bley, interventor do Espírito Santo de 1930 a 1935 e governador eleito até o Estado Novo: “Para maior facilidade e entendimento ação Norte, ao qual Espírito Santo se acha integrado, pedimos prezado amigo aceitar representação nosso pensamento relativamente situação atual”.<sup>8</sup>

Nesse sentido, a presença – historicamente situada e não estática – do Espírito Santo neste Norte que estava sendo construído no campo da política que se articulava no pós-30 não pode ser encarada a partir de definições oficiais, construídas *a posteriori*. Essa “adesão”, de base eminentemente política, ampliando a compreensão sobre as fronteiras do que entendo como Norte ocorreu a partir da articulação do interventor capixaba, que chegou ao poder indicado diretamente por Juarez e que reconhecia e, ao mesmo tempo, produzia a autoridade do líder do Norte. Em momentos específicos, em especial os de crise política nacional, a aproximação desse estado com a corrente nortista foi mais forte, marcando claramente uma posição nos embates envolvendo o Governo Provisório.

É significativo notar que o telegrama acima citado é enviado poucas semanas antes do início da guerra civil que marcaria o Governo Provisório de Vargas. Acredito que, durante a Guerra de 1932, a noção de região Norte foi fortemente mais definida,

geográfica e politicamente, de forma bem mais nítida, como se vê em telegramas enviados aos interventores por Juarez, que abrange do “Amazonas ao Espírito Santo”. Os interventores nortistas, durante o conflito, mas não exclusivamente nesse período, vão utilizar a “baliza” desses dois estados para fazer referência a eles próprios e a sua região de atuação conjunta.

Vale lembrar que, em um de seus livros de memórias, escrito já nos anos 1970, Juarez não mais incluiu o Espírito Santo como sendo um estado nortista. Também não o incluiu no relatório da viagem que fez ao Norte, nos primeiros meses de 1932, como sua última atribuição no cargo de Delegado da região nomeado pelo Governo Provisório.

Essas ausências demonstram a dimensão processual da construção e uso da ideia de uma região geopolítica de Norte, sugerindo que essa palavra/categoria tem significados e fronteiras distintas em determinados momentos e conjunturas específicas. Assim, esse Norte balizado por sujeitos e procedimentos políticos dialoga e interage com outras delimitações regionais estabelecidas, seja nesse momento, ou não.

Sobre essa questão, afirma Albuquerque Jr.:

Em nenhum momento, as fronteiras e territórios regionais podem se situar num plano a-histórico, porque são criações eminentemente históricas e esta dimensão é multiforme, dependendo de que perspectiva de espaço se coloca em foco, se visualizando como espaço econômico, político, jurídico ou cultural, ou seja, o espaço regional é produto de uma rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com dimensões espaciais diferentes.<sup>9</sup>

Para esse autor, o Norte é o segmento regional oposto ao Sul na antiga geografia do país, influente principalmente no século XIX, mas que lhe é muito anterior. A partir do início do século XX, surgem outras possibilidades de regionalização, como é o caso do Nordeste. Este termo foi usado pela primeira vez em 1919, para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), dando base à formação de novos regionalismos na década de 1920.<sup>10</sup>

Nesse período, uma série de discursos instituiu a nova região, por mais que Norte e Nordeste ainda sejam utilizados como sinônimos, “mostrando ser esse um momento de transição.” O Nordeste, portanto, despontaria como uma “produção imagético-discursiva” formada, dentre outros elementos, “como produto da subjetivação de sensações, de imagens e de textos por inúmeros sujeitos dispersos no social”.<sup>11</sup> Dessa

forma, o Norte que aqui analiso é categoria politicamente delimitada por sujeitos historicamente situados em um determinado momento da história nacional; em outras palavras, um Norte entre tantos outros nortes e nordestes possíveis.

Assim, acredito que a formação do Norte do pós-30 tem como artífices um amplo grupo político-militar de opositores à Primeira República, bem como uma determinada elite política que chegou ao poder nos “estados nortistas” após a vitória do movimento de 30. O Norte não pode ser pensado como algo naturalizado, mas como uma região definida a partir de critérios geopolíticos, em um momento historicamente situado, quando seus membros se consideram, se imaginam e se comportam como uma comunidade integrada, cuja identidade pode se expressar por meio dessa categoria.<sup>12</sup>

Em diálogo com tais questões, a construção que adoto de Norte é prioritariamente baseada na ação política de Juarez Távora, enquanto representante da região junto ao Governo Federal, reforçada pelo reconhecimento de diversos atores estaduais envolvidos nesse processo. As fronteiras do Norte que aqui se apresenta foram engendradas por um grupo político específico que então se constituía e cuja estratégia foi unir forças para melhor atuar em determinadas situações ante o Governo Provisório.

Assim, no novo e tumultuado contexto do pós-30, marcado pela emergência de alianças, confrontos e reagrupamento de forças dentro do cenário político, Juarez Távora buscou no Norte, que estava construindo e liderando, um conjunto de políticos e militares para disputar espaço na nova arena a ser demarcada com a chegada de Vargas ao poder. Esses sujeitos adotaram como autodesignação política a identidade de “revolucionários nortistas”.

Dulce Pandolfi também constata essa autodefinição em seu trabalho, afirmando que “o termo ‘revolucionários nortistas’ designava a elite política dessa região, identificada com os ideais tenentistas”.<sup>13</sup> Essa aproximação com o tenentismo é fundamental para se compreender as ações dessa nova elite política regional, pois muitos dos seus principais representantes, tanto militares (Juraci Magalhães, Landri Sales, Magalhães Barata, Seroa da Mota, Augusto Maynard Gomes), quanto civis (Antenor Navarro, Lima Cavalcanti, Fernandes Távora) são personagens que tiveram suas trajetórias ligadas aos tenentes da década de 1920.

Contudo, no contexto do pós-30, analisar esse grupo político tendo como referência apenas seus vínculos tenentistas obscureceria dois elementos fundamentais

que pautavam seus posicionamentos: o pertencimento ao Norte, como espaço e como objeto de luta; e o reconhecimento da liderança de Juarez Távora, quer no movimento armado, quer, e com destaque, no Governo Provisório.

Dessa forma, ser um revolucionário nortista é mais do que ser um tenente, seja civil ou militar, ligado ao Norte. É se sentir e agir como parte de um grupo político, que apoiou a chegada de Getúlio Vargas ao poder e escolheu Juarez Távora como o grande líder da região, na derrubada da Primeira República e no recém-formado governo de Vargas. Esses revolucionários marcaram suas ações, nos primeiros anos do pós-30, pela defesa do Norte, dentro do contexto de incertezas que assinalou a reconfiguração política então iniciada.

Extrapolando a adjetivação relativa à naturalidade, a identidade eminentemente política dos revolucionários nortistas ficou postulada pelo reconhecimento da liderança de Juarez Távora, pelo papel que desempenhou na campanha militar de 30 e pelo prestígio que conquistou na defesa de mais espaço político para o Norte, dentro do novo governo. A liderança de Juarez – ponto central desta construção identitária – deve ser entendida a partir de um duplo movimento: o líder encontrou nos revolucionários nortistas o capital político para projetar-se nacionalmente, assim como estes encontraram em Juarez o líder com legitimidade junto ao Governo Provisório.<sup>14</sup>

Dessa forma, revolucionários nortistas e Norte são categorias nativas, presentes na documentação produzida tanto na esfera estadual quanto na federal, ligadas principalmente ao nome de Juarez Távora. Elas são utilizadas na “retórica revolucionária”, surgida logo em seguida à vitória do movimento de 30, não apenas refletindo as “realidades das mudanças e conflitos”, mas também se tornando “instrumento de mudança política e social”, ajudando a moldar “a percepção dos interesses”, sendo, destarte, “meio de persuasão, um modo de reconstruir o mundo social e político”.<sup>15</sup>

Nos inúmeros documentos produzidos naquele momento, como telegramas, cartas, relatórios, conferências telegráficas, despachos, essas duas categorias se completam, só se tornando inteligíveis juntas. Sendo mais claro: esses novos sujeitos históricos só se consideram revolucionários nortistas porque entendem fazer parte de um Norte, também definido por eles mesmo. Essa terminologia, assim, possui uma forte

carga simbólica, que ajuda a compreender a posição desses atores nas lutas travadas por redefinição política.<sup>16</sup>

Muitos desses revolucionários nortistas nasceram e militaram no Norte durante os anos de 1920, lutando contra os governos da Primeira República. Outros chegaram à região no pós-30 e passaram a compor a elite política que dirigiu vários estados na primeira metade da década de 1930. Vale ressaltar que os interventores, nos dois primeiros anos do Governo Provisório, eram escolhidos e indicados diretamente por Juarez Távora, que levava seus nomes a Getúlio Vargas para confirmá-los no poder. Esse procedimento, marcado por estratégias de escolhas e adoção de modelos de interventores distintos – ora civis, ora militares – não é possível de ser analisado aqui, mas compreende parte da pesquisa que venho desenvolvendo.

Assim, mesmo os interventores nortistas que não tiveram trajetórias políticas e militares na região antes de 1930 eram, todos eles, diletos companheiros de Juarez nas lutas tenentistas da década anterior, o que, em muito, explica as escolhas do líder nortista.<sup>17</sup> Mesmo com trajetórias diversas, mas ligados por fortes elementos comuns, possuem um projeto coletivo, embora com envolvimento distintos,<sup>18</sup> para a região. Definem-se e constroem sua identidade e lugar políticos como revolucionários nortistas; reconhecem a liderança de Juarez nessa conjuntura; carregam a bandeira dessa identidade e têm o Norte como um “espaço de experiências” e como um objeto de luta no “horizonte de expectativas” que se vislumbra com a vitória do movimento de 30.<sup>19</sup>

Na palavra de um desses revolucionários, os ideais nortistas são expressos assim:

Distinto camarada e chefe Juarez,

Esta tem motivos de lhe ser escrita por mim como paraibano, como nortista, como brasileiro, motivos esses que o meu coração não pode abafar por mais tempo. Aqui em Mato Grosso, bem longe, como major de polícia em comissão, acompanho ufanoso o desenrolar da sua sabia orientação, auxiliado pelo companheiro de turma Juraci [Magalhães]. O distinto camarada tem aqui um companheiro pronto para o que der e vier, pois a distância não destrói a admiração, nem faz calar um nortista solidário com os seus camaradas do Norte na conquista de um ideal grandioso, ideal de sublimidade. Já tentei ir para o 21[º Batalhão de Caçadores de Pernambuco], com o fim de ficar mais perto e poder dar melhor meu modesto auxílio à falange, a plêiade de dignos nortistas, que se batem pela regeneração de uma pátria formidável, mas ferida, porém não me deram demissão. Peça-lhe primeiro que tudo não esquecer que sou um soldado pronto a

formar do seu lado, por dever de militar, por dever pátrio e por dever de ideal e ainda como nortista. Embora longe recebo as suas ordens.<sup>20</sup>

Para os revolucionários nortistas, lutar pelo Norte – preferencialmente na própria região – era lutar pela “pátria formidável, mas ferida”. Em seus ideais, a revolução que defenderam e executaram só seria vitoriosa se o Norte, enquanto espaço de identidade e organização política, fosse vitorioso. Vitória tanto na própria região, com no espaço que deveria ser destinado ao Norte, na reconfiguração política que esperavam ter iniciado. A liderança de Juarez era por um dever militar, de ideal e, não menos importante, de nortista. Ao lado de valores como o militarismo, enquanto carreira, e o patriotismo, estava também o valor regional: para os revolucionários nortistas, o Norte era uma causa.

A correspondência diária, recebida imediatamente à derrocada da Primeira República, revela como Juarez foi visto pelos revolucionários nortistas e os significados específicos de sua liderança nesse momento. No entanto, o líder nortista teve sua representação construída para além das fronteiras de sua própria região.

### **Juarez Távora e as fronteiras de sua liderança: um herói nortista do Brasil e um herói nacional do Norte**

No dia 30 de outubro de 1930, foi enviado a Juarez um folheto de três páginas intitulado *Epopeia Brasileira – Grande marcha da vitória: oferecida ao grande herói Juarez Távora*. Logo abaixo da inscrição, ainda na capa, há uma foto sua com a legenda: “O Herói Sublime”. No rodapé, as informações básicas: música de Raul Pizzonari, propriedade reservada, valor de 2\$000, impresso na Tipografia Napoli, Rua dos Andradas, 4, São Paulo. A música não possui letra, apenas duas páginas da partitura de uma marcha sinfônica.<sup>21</sup>

Outro livreto parecido, também posto à venda por 2\$000, mas com os “direitos autorais reservados à editora da Casa Vieira Machado”, situada na Rua do Ouvidor, 179, Rio de Janeiro, foi feita por Stefania de Macedo, responsável pela música, e Rachel Prado, autora da letra. Na capa, há um desenho de Juarez e, manuscrito, a dedicatória de uma das autoras, datada de 5 de janeiro de 1931: “Ao bravo general Juarez Távora, homenagem de Stefania de Macedo”. Após as duas páginas de partitura da marcha-

canção, aparece a letra: “Cavaleiro do Nordeste!/ Afrontando a própria morte./ Redimiste a nossa pátria.../ Redimiste a nossa pátria/ Com destemida bravura/ (...) Com destemida bravura/ Juarez Távora! Um símbolo! /Na esperança futura/ Do Brasil, tornar-se ídolo”. Na contracapa, há a informação de que está “à venda em todas as Casas de Músicas”, assim como “um lindo álbum de músicas” infantis sobre “temas de roda, com sugestivas ilustrações e patrióticas palavras de Ribeiro Couto e Manuel Bandeira”.<sup>22</sup>

Ainda outro folheto musical, sem data, com esse mesmo formato, foi composto por Thetralde Pacca Dias e intitulado *Hino a Juarez Távora*. Na capa há uma foto de Juarez e o nome do estabelecimento onde foi impresso: Editora da Casa Viúva Guerreiro e Companhia, sediada na Rua 7 de setembro, 169, Rio de Janeiro. Após duas páginas de partituras, surge a letra:

Juarez Távora, valente  
Herói da mais nobre guerra;  
No peito da nossa gente  
A tua imagem se encerra  
(...) Sublime herói brasileiro!  
Filho amado da Nação,  
A quem teu gládio altaneiro  
Trouxe a glória e a redenção!  
Juarez Távora grandioso  
Entras coberto de glória,  
Por entre hosanas, vitorioso,  
Para as páginas da História.

Na contracapa, a casa musical faz, ainda, propaganda das “últimas novidades do sucesso” que ecoavam no Rio de Janeiro: o samba carnavalesco *Saia Comprida* de José F. Lixa; o fox-blue *Velha melodia* de Henrique Brito; a canção *Melodia do Coração* de Jota Machado; o samba carnavalesco *Criança Louca* de Heitor dos Prazeres e a marcha carnavalesca *Rosalina* de Ari Barroso.<sup>23</sup>

Como fica evidente por esses folhetos musicais, a figura de Juarez Távora foi mobilizada, certamente, de diversas formas e com extrema rapidez, logo após a vitória do movimento de 30. Embora a recepção desses hinos de exaltação seja impossível de ser mensurada, as músicas estavam no circuito comercial, concorrendo com canções infantis avalizadas por Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, e com sambas executados no carnaval de 1931, compostos por Heitor dos Prazeres e Ari Barroso. Indícios

suficientemente fortes para afirmarmos que Juarez foi alçado à condição de herói nacional, sendo reconhecido e aclamado por seus feitos, no imediato pós-30.

Essa construção foi estimulada, certamente, por seu passado tenentista e pela amplitude política que essa corrente conseguiu nos últimos anos da década de 1920. A expressiva participação de Juarez Távora nos dois movimentos de 5 de julho e na chamada Coluna Prestes contribuíram para que seu nome, antes mesmo da deposição do presidente Washington Luís, fosse conhecido como um dos principais personagens de oposição ao modelo político da Primeira República. Seu livro *À guisa de depoimento – sobre a revolução brasileira de 1924*, publicado em 1927, conseguiu considerável vendagem e divulgação<sup>24</sup> e contribuiu fortemente para uma maior amplitude de sua trajetória, antes de se tornar o líder militar do Norte na tomada do poder em 1930. Ou seja, sua heroicidade não é uma construção orquestrada basicamente após a revolução (como a do próprio Vargas), sendo coroada e estimulada por esse fator. Dessa forma, vale ressaltar que, segundo Angela de Castro Gomes:

Os primeiros anos do Governo Provisório foram plenos de conflitos políticos, cuja radicalidade e amplitude variaram em uma escala que oscilou do confronto de grupos com pretensões distintas quanto a questões específicas ou mais gerais, até a guerra civil que mobilizou governo e sociedade, durante a segunda metade do ano de 1932. Apenas após a vitória militar do governo, a retomada do crescimento econômico e a reinauguração das instituições liberais-democráticas com a Assembleia Nacional Constituinte de 1934, pode-se situar uma preocupação governamental mais sistemática com a construção de uma imagem de grande líder para Vargas e de uma história “verdadeiramente” revolucionária para o movimento de 1930.<sup>25</sup>

Nesse contexto, situado entre a vitória de 1930 e o início da Guerra de 1932, Juarez assumiu o papel de líder do Norte no Governo Provisório e de um dos heróis nacionais do movimento de 1930, tendo como lastro seus anos de conspirador e sua ação na derrubada da Primeira República no Norte. Essas duas faces – de líder e de herói – não devem ser pensadas separadamente, sendo fundamental tanto a análise da construção do heroísmo de Juarez quanto a compreensão dos vários significados que sua liderança teve, quer nacionalmente quer para a região. Dessa forma, a reconfiguração de sua figura de líder militar do Norte, durante o movimento de 1930, para líder político de âmbito nacional, representando o Norte, não se deu de forma

linear, sendo produto de construções políticas que envolveram muitos revolucionários nortistas.

No processo em torno da liderança de Juarez, criou-se um imaginário sobre seu heroísmo, marcado por distintas significações que o reforça, ao mesmo tempo em que delas se alimentam em suas manifestações. Como afirma Baczko, “os atores políticos, em especial os ‘chefes’, são julgados não só pelas suas competências, mas também pela imaginação política e social que lhes é atribuída ou recusada”.<sup>26</sup>

Assim, quase imediatamente após a deposição das armas, prolongando-se até início de janeiro de 1931, pode-se observar uma concentração de manifestações, produções de monumentos e textos de exaltação que foram feitos tendo Juarez como figura principal. Outras construções – através de outros meios, com outras justificativas e em outros momentos – foram feitas a Juarez; do mesmo modo, nesse mesmo momento, outras figuras do movimento de 30 também foram exaltadas, de modo distinto, como Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha. Porém, o que se pretende destacar, considerando o turbilhão do movimento golpista de 30, e o complexo momento político que se seguiu, é que a liderança de Juarez Távora teve um impressionante relevo, o que ainda não tinha sido observado.

Para acompanhar esse processo envolvendo Juarez (tanto o da afirmação de sua liderança política, como da produção de um imaginário sobre sua pessoa) utilizo a correspondência a ele enviada nos três primeiros meses após a vitória de 30 existentes em seu arquivo. Essa opção se justifica por querer averiguar esse processo a partir dos próprios sujeitos que foram seus protagonistas, ou seja, interlocutores, apoiadores e admiradores de Juarez. A correspondência enviada, além de apresentar informações sobre o líder – e sobre a construção de uma memória de si articulada por Juarez ao longo da vida<sup>27</sup> –, é parte integrante da construção de sua liderança no imediato pós-30.

Por meio dessa documentação, é possível vislumbrar os diversos eventos que envolveram Juarez como personagem principal, assim como a linguagem utilizada por seus correspondentes, que mesmo sendo majoritariamente nortistas, não o eram em sua exclusividade, ampliando as fronteiras e o raio de importância do líder nesse momento específico, propício ao surgimento de processos de mitificação e heroicização de certos personagens. Nesse sentido, Raoul Girardet afirma que “é precisamente nesses períodos de intermitência da legitimidade, nesses momentos de desequilíbrio, de incerteza ou de

conflito que estão cronologicamente situados os apelos mais veementes à intervenção de um herói salvador”.<sup>28</sup>

Já nos dias seguintes ao 3 de outubro, observa-se que vários telegramas noticiavam episódios realizados no Norte em homenagem a Juarez. José Américo de Almeida, na época um dos mais importantes revolucionários nortistas, intitulado governador-geral do Norte durante o movimento de 30, cargo atribuído por Juarez, informava que, no dia 20 de outubro, na maior manifestação que se tem notícia na Paraíba, o líder militar nortista foi “aclamado como redentor dessa parte do Brasil oprimido”.<sup>29</sup> Quatro dias depois, o mesmo remetente avisava que a “Paraíba beija as mãos do redentor do Norte no dia mais glorioso da sua história”.<sup>30</sup> Nesse mesmo dia, Alberto Mendonça, comandante do 22º Batalhão de Caçadores da Paraíba, relatava a Juarez uma passeata realizada nas principais ruas de João Pessoa. Com cerca de 5 mil pessoas, reuniu a banda de música da guarnição, as tropas militares e “maratonas de atletas”, saudando o “intemerato chefe”.<sup>31</sup> Ainda em 24 de outubro, segundo o chefe do distrito telegráfico da Bahia, o povo daquele estado “ansioso deseja vos aclamar e pede por meu intermédio vossa presença mesmo por algumas horas”.<sup>32</sup>

Mais uma vez, José Américo informava sobre a repercussão das homenagens a Juarez. Por telegrama, em 26 de outubro, dizia que o jornal *A União*, da Paraíba, publicara uma matéria intitulada “Grande chefe do Norte do Brasil”, ao lado de um retrato do líder. Da notícia, o remetente destacou o seguinte trecho:

Juarez Távora é o chefe do Norte. E o Norte hoje é uma força indômita que não se curva nem cede na defesa dos ideais da Revolução. Ninguém será capaz de arrancar a Revolução a sua vitória integral. Nós somos os soldados de Juarez Távora e com ele iremos a todos os combates. Com ele temos lutado até agora, sob seu glorioso comando continuaremos a lutar pela República, pelo Brasil, pelo programa de renovação revolucionária que fará desse país uma terra livre e civilizada. (...) Este será o chefe do nordeste, o general da nossa vitória, o condutor impávido de todos nós. Juarez Távora triunfou e este triunfo é a aurora da nossa vida nova, conduzindo os raios poderosos da verdade que iluminará o Brasil e fulminará os inimigos da Revolução.<sup>33</sup>

Duas semanas depois, em 9 de novembro, A. T. Matos, da cidade de Nice, França, enviava uma carta ao “Bonaparte do século XX”, comentando que o *Le Journal* de Paris havia publicado uma matéria “sobre seu ato nobre”. Também pretendendo

publicar, no mesmo jornal, um artigo comentando o papel de Juarez no movimento de 30, pedia a remessa de uma fotografia sua. Concluía o remetente afirmando que: “espero que seus atos sejam um modelo para o jovem militar do nosso Brasil”.<sup>34</sup>

Em 26 de novembro, Max Pochon, agente geral da companhia francesa de seguros L’Union, em São Paulo, enviava a Juarez o recorte da referida matéria, publicada no periódico francês. Assinada pelo correspondente no Rio de Janeiro e intitulada “O papel do General Távora – uma das grandes figuras da revolução brasileira”, dizia:

Getúlio Vargas, chefe civil, e Juarez Távora permanecem como as duas grandes figuras de um movimento que abriu o Brasil a novos horizontes. (...) Entrevistado sobre seu programa, o Sr. Vargas disse que era cedo demais para falar, mas era, em princípio, de acordo com as idéias do general Juarez Távora.<sup>35</sup>

Além das manifestações públicas no Norte e das notícias na imprensa nacional e internacional, Juarez recebeu um grande número de telegramas parabenizando-o pela vitória que comandara. O meio escolhido para essas saudações, utilizada inclusive pelo seu próprio pai,<sup>36</sup> foi bem sintetizado por Oscar Pires Aragão, inspetor telegráfico de Ilhéus, Bahia: “lamentando não estar aí para lhe dar pessoalmente meu abraço, faço-o pelos fios com muita ansiedade, esperando oportunidade podermos nos avistar”.<sup>37</sup> O telégrafo também levou a Juarez congratulações de outros estados do país, como a que escreveu Araújo e família, de São Paulo, ao enviar “saudações invencível capiroto”,<sup>38</sup> e o major de segunda linha estabelecido no Rio de Janeiro, Antônio Braga: “com efusão admirando abnegado inextinguível, beijo ajoelhado mão salvador do povo”.<sup>39</sup>

As centenas de telegramas que recebeu nesse mesmo período podem ser sintetizadas naquele enviado, em 24 de outubro de 1930, pelo coronel Guerreiro Comte, chefe das forças revolucionárias do Rio Grande do Norte. Afirmando que seu estado estava “exultante de pé”, diante do “redimido heroísmo exército povo” que é “dinamizado grande intemerato general revolução nacional”, asseverava que Juarez representava a “encarnação esplendente bravura civismo nacionalidade nesta hora incomparável da República”.<sup>40</sup>

Pelo apresentado até aqui, é fácil perceber que a construção que tinha curso, consagrando “o general” Távora como um herói militar do movimento de 30, serviu-se

de vários meios e não foi limitada à região em que teve incontestável envolvimento. As diversas informações dos correspondentes de Juarez revelam os multifacetados caminhos de afirmação de sua liderança, tendo como ponto de partida o combate e a derrocada da Primeira República.

Raoul Girardet afirma que alguns mitos e heróis ganham certa amplitude e tendem “a combinar vários sistemas de imagens ou de representações, a constituir-se, em outras palavras, como uma espécie de encruzilhada do imaginário onde vêm cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, por vezes mais contraditórias”. (*sic*) Assim, apresenta modelos de heróis que, por mais que distintos, podem “se superpor ou se imbricar”. Nessa tipologia, por sua ação militar no movimento de 30, Juarez é encarado como um grande herói militar do movimento. Ele “não traz nem o cetro, nem o símbolo da justiça real, mas a espada”; “apodera-se das multidões que subjuga” e legitima-se “no brilho da sua ação imediata”.<sup>41</sup>

Como herói militar, Juarez foi uma peça chave na legitimação do novo governo, tanto política como simbolicamente. Nesse sentido, a ação do herói militar não se restringiu ao presente da luta, mas “é na perspectiva da duração que seu personagem encontra a realização. Assentando e definindo as regras que amanhã serão as da vida coletiva, constrói o edifício que as gerações futuras terão por tarefa conservar”.<sup>42</sup> Assim, se o heroísmo militar de Juarez iniciou um novo momento político, cabia a ele, e principalmente a seus admiradores, perpetuá-lo por meio de homenagens e todo tipo de manifestações, fossem públicas ou privadas.<sup>43</sup>

Um bom exemplo dessas homenagens partiu dos habitantes da localidade de Bonito, Santa Fé, na Paraíba, que, em 10 de novembro de 1930, escreveram a Juarez informando que encaminharam ao presidente do estado o pedido de elevação à vila que “idealizamos denominar Juarez Távora como homenagem invicto chefe solicitamos permissão v. exc. valiosíssimo concurso nobre ideal povo”.<sup>44</sup>

Outra iniciativa do mesmo porte foi realizada por uma comissão de habitantes de Vargem Grande, no Espírito Santo, que, em 25 de novembro, notificava o líder: “povo unanime solicita interventor federal mudança nome desta localidade para Juarez Távora pávida homenagem povo Espírito Santo v. excia. serviços prestados pátria”.<sup>45</sup> Sua resposta, rara para esse tipo de pedido, enviada cinco dias depois ao interventor capixaba João Punaro Bley foi emblemática, apontando uma postura que continha

consequências políticas. Juarez pediu que o interventor “desatenda” à manifestação, mostrando que elas aconteciam a sua revelia e até desagravo: “devemos combater homenagens prestadas homens vivos deixando posteridade encargo julgá-los”.<sup>46</sup>

Já em 17 de novembro era o interventor municipal de Pacatuba, no Ceará, que informava: “povo pacatubano vibrando entusiasmo inaugura Câmara Municipal retrato vossencia justa homenagem invicto redentor causa nacional”.<sup>47</sup> Em 7 de dezembro, o mesmo foi feito em uma cidade baiana: “povo Rui Barbosa acompanhado música após carregar vosso retrato (...) ruas cidade colocou salão nobre paço municipal sinal homenagem vossencia”.<sup>48</sup> Sua “chegada”, com música e festa, nesses espaços públicos representativos é uma afirmação da liderança política popular, além de militar, que Juarez granjeou. Essas manifestações apontam para a retomada desses espaços pela população tendo, no líder, a figura a ser “cultuada” por ter garantido um “novo tempo”.<sup>49</sup>

No mesmo dia em que teve um retrato colocado na Câmara de uma cidade do interior cearense, o secretário municipal de Bom Jesus, no Rio Grande do Sul, informava que, por decreto, o governo municipal “prestando justa homenagem a v. exa. denominou Rua Juarez Távora a antiga Rua 16 de julho”. No referido decreto, também enviado a Juarez, lia-se a justificativa para o ato:

tendo em vista a ação fecunda e brilhante, desenvolvida no atual movimento revolucionário, que empolgou o país e implantou a verdadeira República, pelo valoroso General Juarez Távora, uma das figuras de maior relevo e destaque da revolução vitoriosa, portador de ideais novos que hão de infalivelmente conduzir a Pátria ao nível de justiça e igualdade predominantes nas nações mais civilizadas.<sup>50</sup>

Em 19 de novembro, o prefeito de Floriano, no Piauí, prestou uma homenagem idêntica: “tenho máxima satisfação comunicar vossencia inauguração oficial hoje placa rua Juarez Távora merecida homenagem vos quis prestar municipalidade Floriano. Povo confraternizou grande explosão entusiasmo abençoando vosso nome”.<sup>51</sup>

Entendo essas homenagens como construções de monumentos ao líder Juarez, envolvendo três dimensões temporais distintas, porém interligadas. Em um presente, que buscava reordenar os sentidos políticos do país, procurava-se, em espaços públicos, como ruas e prédios políticos, esquecer um passado, agora “derrotado”, enquanto outro passado, recente e “vitorioso”, deveria ser lembrado e perpetuado ao futuro,

construindo-se uma memória para a “revolução” de 30, simbolizada pela figura desse herói. Esses monumentos são “materiais da memória” e têm como uma de suas características “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”.<sup>52</sup> Assim, em um curto espaço de tempo – pois todos esses monumentos foram “erigidos” entre 10 de novembro e 7 de dezembro de 1930 –, um presente fértil para manifestações simbólicas marcou a memória do movimento recém-vitorioso, no qual a figura heroica de Juarez tornou-se central.

Os significados desse “ídolo máximo” podem ser percebidos pelo exemplo paradigmático da carta, em papel timbrado da Universidade do Rio de Janeiro – Escola Politécnica, de 29 de outubro de 1930. Nela Othon H. Leonardos escreve:

Generalíssimo invicto, herói, ídolo máximo do Brasil nesses dias cruentos, você seria pouco, Juarez, se fosse só esse ídolo. Mas no meio de tanta gente de ambição mesquinha, no meio dessa politicalha ignóbil, sempre pronta a infelicitar o Brasil, você é a máxima, a única, é toda a esperança dos brasileiros. Não há cidadão honesto, revoltoso de 22 e 24 ou legalista extremado de 30, não há patriota fremido de alegria diante do passado ruído e medo ante o futuro imprevisível, que não confie, entretanto, inteiramente, no seu idealismo, na sua inteligência, na sua operosidade abnegada. Você não mais se pertence criatura eleita, soldado da bemventurança, porque nas suas mãos está o futuro do Brasil, nosso anseio grande e justo de dias menos amargos, nossa ambição de uma pátria mais alta, mais livre e mais honrada, digna do passado dos bandeirantes, dos jesuítas e dos caucheiros, digna da América que deu Washington, e Franklin, e Lincoln e Wilson. Nós confiamos em você, Juarez, e nos alistamos em sua tropa.<sup>53</sup>

Em momento de alegria pela vitória, mas de medo pelo “futuro imprevisível”, o “generalíssimo” era a síntese da esperança e do patriotismo merecendo todos os elogios e um lugar no panteão nacional e, também, no das Américas. Os cidadãos brasileiros “confiavam” em sua liderança e se alistavam “em sua tropa”. No mesmo tom, em 3 de novembro, Alfredo Horpades, de Varginha, interior de Minas Gerais, enviava um telegrama afirmando: “Salve! Titan invicto e glorioso da vitória nacional. Bonaparte na ação guerreira – Bolívar na organização política dos estados setentrionais do Brasil”.<sup>54</sup>

Nesses exemplos de correspondência dois elementos se entrecruzam. O primeiro é a referência a um Panteão, no qual Juarez se encontraria ao lado de outros heróis, militares e políticos, muitos dos quais líderes de processos de independência de suas nações. Comparar Juarez a esses heróis é definir que sua liderança não se iguala a de

seus companheiros revolucionários, ultrapassando-os de muito e só sendo comparável a de outras figuras de grandiosidade e história conhecida. Como afirma Girardet, ainda analisando os processos de heroicização, “a referência à história, o peso da lembrança desempenham, aqui, um papel essencial: não é nada mais que o passado – um passado de glória – que se vê chamado a socorrer o presente – um presente de confusão ou derrota”.<sup>55</sup>

O segundo aspecto é o da transcendência de Juarez. Para um dos interlocutores, ele é um eleito que não pertence mais a si próprio, mas à coletividade que espera ser salva por suas ações. Ou seja, como bem definiu outro admirador, é um “vulto simbólico” que representa as “aspirações do povo brasileiro”; um “gênio militar”, enfim, alguém que se aproxima de uma condição divina, como a dos heróis clássicos, verdadeiros semideuses.<sup>56</sup>

Mas, talvez, nenhuma carta supere a que Constantino Correia, de Parnaíba, Piauí, escreveu a Juarez em 12 de novembro de 1930. Ele fez uma autêntica retrospectiva de vários momentos da história do Brasil, para situar o novo herói. Para o remetente, o “civilismo de Rui Barbosa de 1910”, a “Reação Republicana de Nilo Peçanha em 1921” e a própria campanha eleitoral da Aliança Liberal, de 1929, representam “divergências momentâneas na onipotência do Catete”, sendo de menos importância. As raízes do líder estavam nos movimentos tenentistas de 1922 e 1924, iniciados com “a epopéia homérica dos 18 Leônidas brasileiros” e a importante ação do então “bravo tenente Juarez Távora”.

Daí nasceu, para o autor, a coluna Prestes, na qual “era Prestes o Cavaleiro da Esperança! Mas a esperança feneceu! É Juarez o Cavaleiro da Realização, o Capitão do Norte, o General da Vitória, o Bolívar do Brasil.” Portanto, nessa ágil interpretação histórica, “a República de 1889 foi fundada pelos ‘tenentes do positivismo’ e foi deturpada pelos conselheiros da Monarquia. A República de 30 foi salva pelos tenentes dos exércitos aliados ao povo”, com destaque para Juarez Távora. Assim, conclui a carta exortando-o a aceitar seu lugar de “São Pedro” na religião cívica do pós-30:

Juarez Távora, o Brasil estancou às bordas do abismo em que ia precipitar-se. Salve-o! Arranque-o das garras da política profissional! João Pessoa é o Cristo político da Pátria! Morreu redimindo a Nação! Seja Juarez Távora o São Pedro da nossa religião cívica: seja Juarez a pedra angular sobre que fundaremos a nova

nacionalidade! Apelamos para o vosso patriotismo! Aceitai a missão!  
Salvai o Brasil!<sup>57</sup>

A dimensão religiosa do culto cívico-religioso que se propunha ganhou outras versões, mais simples e diretas, mas não menos poderosas. Em uma carta enviada de Jaraguá, em 5 de dezembro, a autora se intitula “uma menina da igreja”, e escrevendo com letra ainda infantil afirma: “General Juarez Távora, aceite meus sinceros parabéns pela sublime vitória da revolução”. Junto à carta, enviou dois “santinhos”, um de “S. Cor Mariae” outra de “Sta. Terezinha do Menino Jesus”.<sup>58</sup> No dia 2 de janeiro de 1931, Juarez recebe outro “santinho”, agora de Recife, no qual se lê, impresso em francês, “Que o anjo do Senhor o acompanhe em todos os momentos de sua vida”. No verso, a remetente, sem se identificar, manda sua mensagem cristã ao “Salvador” do Brasil:

Ao bravo e nobre Juarez Távora

“uma coisa, só há que fazer aqui na Terra: amar a Jesus e salvar-lha almas para lhe ser amado.” (disse Santa Terezinha em uma das suas cartas, a sua irmã Celina). Hoje, te diz esse simples coração de mãe, que pensa sempre em ti, sobretudo, depois da comunhão. Prepara tua “espada nobre” todo o empenho do seu esforço, para a defesa cristã da nossa Terra e assim como “libertastes” tantos corpos, pensa no número de almas que “poderás salvar”, trabalhando, com verdadeira convicção de fé, pela restauração do Brasil, desse Brasil cristãmente reconstituído, onde viverão “teus filhos”, desse Brasil que há de ser “de fato” a verdadeira Terra de Santa Cruz.<sup>59</sup>

A partir dessas correspondências, Juarez é definido como uma entidade divina, que está para além dos feitos humanos. Ao ser apresentado dentro de uma argumentação na qual sua figura faz parte de uma história brasileira, revela sua importância nesses acontecimentos, mas ao ser comparado e envolto em imagens sagradas, Juarez rompe sua condição humana, ganhando a forma de um messias, que salvará corpos e almas, a partir de sua representação de um herói militar. Como afirma Loiva Otero Félix, “o herói sempre tem qualidades que o distingue dos demais mortais, fazendo-se merecedor de um lugar entre os homens e a divindade. Tem virtudes como vidente, justo, bom, genial, benfeitor, etc.”<sup>60</sup>

Esses documentos revelam que a heroicização de Juarez, como foi dito, não teve seus promotores limitados ao Norte e aos revolucionários nortistas. Contudo, Juarez foi, por excelência, um herói do Norte, e sua ação política ao lado dos revolucionários nortistas é fundamental para estabelecer as fronteiras da região durante os primeiros

anos do Governo Provisório.<sup>61</sup> Assim, se Juarez foi um herói militar nacional nesse momento, no Norte sua liderança política ganhou especificidades e amplitude só compreensíveis se interligadas à região.

Poemas e músicas enviados à Juarez, de diversas partes do Brasil, exprimem a dupla face de sua construção heróica: militar e política. Obertal Chaves, da cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, escreve e envia um poema, publicado em *A Notícia* desse município, em 17 de dezembro:

Paladino impoluto e sonhador  
Juarez foi o nome iluminado  
Da revolta, o seu guia e precursor  
O seu mais puro e intrépido soldado

O Brasil rolava no estertor  
Da agonia oprimido e abandonado  
Ao grito audaz do herói libertador  
De pé, lutou, viril e denodado

Num assomo indomável de bravura  
Sua espada abateu a ditadura  
E o destino traçou do Brasil Novo

Ele, que foi o gênio da vitória  
Nada quis, nada quer, se não a glória  
A paz e a liberdade do seu povo.<sup>62</sup>

Na marcha-canção executada pelo 3º Batalhão de Caçadores do Espírito Santo e enviada a Juarez em 24 de outubro, elementos muito semelhantes aparecem:

Juarez! Juarez!  
Queremos todos te adorar  
Eis o orgulho dos brasileiros,  
Em nosso peito tens um altar!  
Juarez! Juarez!  
Tendo nas dobras do teu perfil,  
Nossa bandeira será a gloria  
Do povo livre  
Do teu Brasil!  
Foi por terra a prepotência  
Extinguiu-se a escravidão  
Nos trouxeste a independência,  
Eis o herói da salvação!<sup>63</sup>

Nessas poesias, o heroísmo de Juarez é construído a partir da ideia de salvação por sua ação militar. Ele é o salvador militar, que retirou o país de um tempo de opressão, de falta de liberdade, nomeado como de ditadura e escravidão. A Primeira República, assim, é figurada como um tempo sombrio que devia ser redimido, superado, vencido, para que surgisse um novo Brasil. É o que se vê no poema vindo do Rio, escrito por Agnaldo M. de Souza, datado de 22 de novembro de 1930, exaltando Juarez. Nele o Norte aparece como um elemento textual bastante definido:

Bravo filho do Norte! O teu povo te aclama!  
E a teu simples gesto o seu peito se inflama!  
Rompeste resoluto os grilhões deste povo!  
Precisas construir um Brasil forte e novo!  
Baniste do país a nefanda impostura!  
Dá-nos, pois, liberdade irrestrita e segura!  
Eis agora o herói dos heróis nordestinos!  
Conduz, pois, nossa pátria a seus nobres destinos! (...)  
Juarez do Brasil! O teu nome é uma glória!  
Como o outro, há de ter, os teus feitos na história!  
Nordestino viril! Soberbo te saúdo!  
Muito te deve o Norte! O Brasil quase tudo!<sup>64</sup>

No “Hino a Juarez”, escrito em novembro de 30, sem autor ou local de produção, os mesmos elementos aparecem:

Juarez, Juarez/ O teu nome é uma glória/ (...) Com orgulho te chamamos/  
O bravo Leão do Norte/ (...) Foi o teu valor/ Foi o teu amor/  
Pelo nosso Brasil/ foi o teu peito forte/ De homem do Norte/  
Altivo e varonil/ (...) Marchando à frente/ De homens valentes/  
Cheios de mocidade.<sup>65</sup>

Para esses interlocutores, Juarez é do Brasil, e não só do Norte. Essa região aparece mais como uma característica de naturalidade do que como uma região política ou sujeito desse processo. De uma forma ampla, nessas produções, e para os diversos apoiadores do movimento de 30, no Brasil, Juarez é um herói nacional do Norte, identificado por seus feitos militares.

No entanto, a construção de Juarez como herói logo após a vitória do movimento de 30 possui distinções quando se trata de obras relacionadas com a região Norte, seja por seus autores, seja pelos elementos utilizados nos enredos literários criados. Por mais que essas fronteiras não sejam de forma alguma rígidas e intransponíveis, nos poemas

nos quais os autores se apresentam como oriundos do Norte a relação construída com Juarez tem uma imbricação bem mais forte. É o que ocorre no “Hino da Revolta Brasileira”, escrito por Aureliano Gonçalves Guerra, e enviado, de Maceió, em 14 de outubro de 1930:

Viva o heróico povo brasileiro!  
Viva o exército libertador!  
Viva o comando em chefe cá do Norte,  
O bravo General Triunfador!  
A coluna redentora  
Nesta luta que se esplende gloriosa,  
Vai, ao Sul fulminadora,  
Já aqui ela passou vitoriosa.  
Serás liberta,  
Com presteza,  
Amada Pátria.<sup>66</sup>

A região não é mais sinônimo de naturalidade, mas palco da vitória, de onde a luta “gloriosa” partiu para o Sul. No poema escrito por José Jaime Benevides de Iguatú, Ceará, e enviado para Juarez em 14 de novembro de 1930 a relação de Juarez com a população nortista é assim expressa: “Falando pelo povo desta terra/ Por este povo que foi sempre altivo/ Declaro-vos que nossa glória encerra/ Nosso orgulho eternal, forte, expressivo/ (...) Ao vosso lado, para tal, estamos, /Só queremos justiça, é o que esperamos,/ E os direito que deve o povo ter”<sup>67</sup>. Se nos poemas que exaltam Juarez como um herói nacional, a figura do povo aparece como aquele que deve ser salvo, nos poemas “nortistas”, o povo assume a palavra, exalta Juarez e está ao seu lado.

Entre todos os poemas levantados no arquivo pessoal de Juarez – e eles são muitos – um revela fortemente que, no Norte, a figura do líder tinha características peculiares. Raul Rocha, de Camocim, Ceará, enviou em 25 de outubro de 1930, uma canção da vitória, exaltando vários revolucionários nortistas com muitos adjetivos, como “valente”, “nobre”, “guerreiro”, “valoroso”, “brilhantes”, “viris”. Dentre essas adjetivações uma chama a atenção:

Landri Sales, tu és o esplendor  
Da energia – qual um Juarez –  
O Brasil te proclama o valor  
Deste provas de herói muita vez! (...)  
Seja bendita a memória  
Desse outro Juarez – sem rival –

Joaquim Távora – a máxima glória  
Desse nosso Brasil Marcial!<sup>68</sup>

Juarez torna-se a própria adjetivação, por reunir as características que os outros combatentes deveriam ter. Uma operação de linguagem que só foi possível no Norte, por ser esse seu berço e palco de luta e combate. Assim também, só nortistas próximos a ele (ou seus parentes) poderiam ser assim chamados, o que evidencia que, para seus admiradores, auxiliares e interlocutores do Norte, ele era mais do que um representante dessa região geopolítica: era a expressão de sua própria identidade; ele a encarnava.

Isso é bem apresentado no comentário de Juarez a um telegrama de José Américo, enviado em 25 de outubro de 1930, no qual este diz ter relatado à imprensa pernambucana que o Norte “não reconhece outro intérprete do seu pensamento público”.<sup>69</sup> Respondendo, Juarez disse estar “ciente termos seu último telegrama agradeço-lhe confiança depositada minha pessoa e reitero premissa ser digno em qualquer emergência sacrifício feito nossos irmãos Norte conquista redenção política pátria”.<sup>70</sup>

Tal diálogo revela que a heroicização de Juarez para o Norte é também baseada no ato de representar/interpretar seus anseios através da palavra, da oratória. Segundo Raoul Girardet, outro modelo de herói é o profeta, nesse sentido, “é pelo poder do Verbo que se opera, com efeito, essa estranha comunhão que faz com que, dirigindo-se o chefe político à multidão, seja igualmente a multidão que se exprima nele, com ele”.<sup>71</sup> Essas considerações são reiteradas em outro telegrama, novamente de José Américo, para Juarez, em 1º de novembro de 1930: “O Norte não vos delega poderes representá-lo constituição governo revolucionário porque esse direito já vós pertence virtualmente como autêntico chefe da região que redimiste”.<sup>72</sup> Ou seja, se, nacionalmente, Juarez é, por excelência, um herói militar, para o Norte, é também o herói profético, que encarna a “totalidade de suas dimensões sociais; encarna-a também na totalidade de seu destino histórico, em seu passado, em seu presente, e em seu futuro”.<sup>73</sup>

Ao falar pela região, autorizado por sua nova elite política, Juarez e o Norte têm seus destinos entrelaçados no Governo Provisório. Enquanto o Norte e sua elite são o grande prestígio que Juarez tem na esfera federal, essa nova elite de revolucionários nortistas sabe que suas ações e conquistas são delimitadas dentro do campo de possibilidades aberto pelo prestígio de Juarez. Na tênue, mas significativa, fronteira

entre um herói nacional do Norte, chefe militar da revolução na região e, por isso, celebrado em todo país, e um herói nortista do Brasil, que lutou pela redenção da região através da revolução nacional, a figura de Juarez ganha diversos significados complementares, que se reforçam. De uma forma ou de outra, sua liderança era inconteste nesse momento, sendo apropriada e sentida, por amplos e diferenciados grupos do país.

Para os revolucionários nortistas e para Juarez, quanto mais seus projetos estivessem entrelaçados, maior seria a possibilidade de consolidação e vitória de ambos. Com um passado comum de lutas pelo fim da república de 1889, eles almejavam um governo que atribuísse um papel central ao Norte. Quanto maior a vitória da revolução na região, maior seria a vitória da região na revolução. Ou como escreveu, em 30 de outubro, um dos admiradores de Juarez Távora, residente no Rio Grande do Sul, que compreendeu bem o lugar dessa liderança nortista: “honra o Norte, salve Brasil”.<sup>74</sup>

---

#### Notas

<sup>1</sup> Sobre isso, e também como no final do Império, a seca se tornou o grande “problema” do Norte e um argumento para reivindicar maior “atenção” nacional para a região, ver ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. Palavras que calcinam palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 15, número 28, 1995. Sobre a importância política dos estados do Sul, principalmente São Paulo e Minas Gerais, na Primeira República ver VISCARDI, Cláudia. *O Teatro das Oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

<sup>2</sup> PANDOLFI, Dulce. A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político. In. GOMES, Angela de Castro (org.). *Regionalismo e Centralização política: partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. p. 342.

<sup>3</sup> LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano – O tempo do liberalismo excludente*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 349. Sobre a vasta bibliografia acerca do tenentismo, sua trajetória de luta e seus ideais ver, além deste e dentre outros: PRESTES, Anita Leocádia. *Tenentismo pós-30: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Paz e Terra, 1999. Drummond, 1986; BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992; DRUMMOND, José Augusto. *O Movimento Tenentista: intervenção militar e conflito hierárquico (1922-1935)*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

<sup>4</sup> Entender a construção do Vice-Reinado do Norte, a ação de Juarez Távora, da Delegacia Militar do Norte e dos interventores nortistas no Governo Provisório são as questões fundamentais que investigo em minha tese de doutoramento, sob a orientação da professora Angela de Castro Gomes, intitulada “Um Vice-Reinado na República do pós-30: Juarez Távora e as Interventorias do Norte”, ora em fase de elaboração.

<sup>5</sup> PANDOLFI, Dulce. Op. Cit.

<sup>6</sup> A citação utilizada por Pandolfi é o trecho de uma carta enviada a Borges de Medeiros (Apud FERNANDES, Aníbal. *Pernambuco no tempo do “vice-rei”*. Schmidt Editor, 1934). João Neves da Fontoura participou do movimento de 30 ao lado de Vargas, mas em poucos meses se afastou do Governo Provisório, o que resultaria em seu apoio aos paulistas durante Guerra de 1932.

<sup>7</sup> O arquivo pessoal de Juarez Távora está sob a guarda do Cpdoc-FGV. Sobre esses documentos, ver em especial os dossiês JT dpf 1930.05.14, JT dpf 1930.12.08, JT dpf 1930.12.17, JT dpf 1932.05.14 e JT dpf 1932.07.08.

<sup>8</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1932.05.14 (108/172). Datado de 22 de junho de 1932.

<sup>9</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Op. Cit. p. 35.

<sup>10</sup> “Com a criação do IFOCS, no governo [do presidente] Delfim Moreira, os intelectuais e políticos ligados a este órgão (...) tentam eliminar os sentidos díspares que se referiam àquele espaço, que nasciam da luta pela sua efetivação. Eles tentam construir uma imagem e um texto único, homogêneo para a região (...). O Nordeste deveria ser visto e lido numa só direção para que seu efeito de verdade fosse eficiente politicamente”. ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Op. Cit. p. 84.

<sup>11</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. Op. Cit. pp. 29-88.

<sup>12</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>13</sup> PANDOLFI, Dulce. Op. Cit. p. 420.

<sup>14</sup> Capital político é aqui entendido a partir de Bourdieu, como “uma forma de capital simbólico, crédito firmado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem. (...) Força objetiva que pode ser objetivada nas coisas (e, em particular, em tudo o que faz a simbólica do poder, tronos, cetros e coroas), produto de atos subjetivos de reconhecimento e que, enquanto crédito e credibilidade, só existe na representação e pela representação, na confiança e pela confiança, na crença e pela crença, na obediência e pela obediência”. BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In. \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 187-188.

<sup>15</sup> A utilização da expressão “retórica revolucionária” é baseada na análise de Lynn Hunt, na qual busca compreender a cultura política durante a Revolução Francesa, a partir de suas diversas manifestações, valores e expectativas. Ver os trechos citados em HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 47.

<sup>16</sup> Essa reflexão é livremente inspirada em Koselleck, que defende que “todo conceito é sempre Fator (Faktor) e Indicador (Indikator)” e não é “apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua”. Assim, os conceitos atuam sobre a realidade de forma concreta relacionando-se “aquilo que se quer compreender, sendo portanto a relação entre conceito e o conteúdo a ser compreendido, ou tornado inteligível, uma relação necessariamente tensa”, na qual “todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível”. KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. *Revista Estudos Históricos*, vol. 5, n.10, 1992.

<sup>17</sup> Esses interventores eram Carneiro de Mendonça, do Ceará; Tasso Tinoco, de Alagoas; e Herculino Cascardo, do Rio Grande do Norte. Todos eles eram militares, chegaram aos executivos estaduais em meados do ano de 1931 e tinham ligações com Juarez: Carneiro de Mendonça e Távora participaram do movimento de 1922 e ficaram presos juntos na ilha da Trindade em 1926; Tasso Tinoco também ficou preso com Juarez, por sua participação em rebeliões tenentistas, agora na ilha de Cobras, ainda em 1926; e Herculino Cascardo participara, ao lado de Juarez, da revolta tenentista de 1924. Sobre isso ver: TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas – memórias Vol. 1 – Da planície à borda do Altiplano*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

<sup>18</sup> VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

<sup>19</sup> KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In. \_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

<sup>20</sup> Carta de Otacílio Alves de Lima para Juarez Távora. Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.12.17 (116-117/324). Datada de 29 de agosto de 1931. Otacílio Lima era militar e depois do movimento de 30 foi servir na Força Pública de Mato Grosso. Posteriormente tornou-se subcomandante do 18º Batalhão de Caçadores de Campo Grande e, em 1935, membro da Aliança Nacional Libertadora. Participou da Revolta Comunista deste ano, foi preso e expulso das Forças Armadas. Informações retiradas de Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, disponível em [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br).

<sup>21</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (1358-1360/3695).

<sup>22</sup> Idem (3567-3570/3695).

<sup>23</sup> Idem (3641-3644/3695).

<sup>24</sup> Inicialmente o livro teve publicado alguns capítulos no *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, do Rio de Janeiro, e no *O Combate*, de Nereu Rangel Pestana, de São Paulo, e logo foi editado nas duas cidades, o que garantiu a Juarez algum rendimento, enquanto viveu foragido entre 1927 e 1929. Informações presentes em TÁVORA, Juarez. Op. Cit. pp. 216-230.

<sup>25</sup> GOMES, Angela de Castro. A construção de mitos e os usos do passado nacional: Vargas e Perón. *Revista de História (UNESP)*, vol. 16, 1997, pp. 116-117.

<sup>26</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In. *Enciclopédia Einaudi*. Volume 5. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, p. 296.

<sup>27</sup> Além da preservação de seu vasto arquivo pessoal, Juarez escreveu sua autobiografia, dividida em três volumes: o primeiro, datado de 1973, intitulado *Da planície à borda do planalto*, abrange o período de sua infância até o movimento militar de outubro de 30 no Norte; o segundo, de 1974, chamado de *A caminhada no altiplano*, compreende desde a vitória do movimento de 30 até o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954; e o terceiro, de 1976, publicação póstuma (Juarez faleceu em 18 de julho de 1975), recebeu o título de *Voltando à planície*, vai da chefia do Gabinete Militar da Presidência da República no governo Café Filho até março de 1967, quando deixou o Ministério de Viação do governo militar de Castelo Branco. Para tais obras, valeu-se intensamente de seu arquivo pessoal, o que sugere que, assim como os três livros memoriais, seu arquivo faz parte de seu projeto autobiográfico e de memória de si.

<sup>28</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 89.

<sup>29</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (202/3695).

<sup>30</sup> Idem (652/3695).

<sup>31</sup> Idem (825-828/3695).

<sup>32</sup> Idem (577/3695).

<sup>33</sup> Idem (902-906/3695).

<sup>34</sup> Idem (2292/3695).

<sup>35</sup> Idem (3040-3042/3695). Tradução minha.

<sup>36</sup> “Abraços querido filho vitória Revolução. Joaquim Antônio.” Idem (1864/3695). Datado de 4 de novembro de 1930.

<sup>37</sup> Idem (1055/3695). Datado de 28 de outubro de 1930.

<sup>38</sup> Idem (1273/3695). Datado de 30 de outubro de 1930.

<sup>39</sup> Idem (1298/3695). Datado de 30 de outubro de 1930.

<sup>40</sup> Idem (600-601/3695).

<sup>41</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit., pp. 73-75.

<sup>42</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit., p. 77.

<sup>43</sup> Uma dessas manifestações privadas foi feita pelo pescador acreano Raimundo Dantas de Oliveira, que informou a Juarez em 2 de dezembro de 1930 que “denominei hoje a uma das minhas embarcações a motor o seu glorioso nome”. Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (3377/3695).

<sup>44</sup> Idem (2332/3695).

<sup>45</sup> Idem (3000/3695).

<sup>46</sup> Idem (3048-3049/3695).

<sup>47</sup> Idem (2682/3695).

<sup>48</sup> Idem (3489/3695).

<sup>49</sup> É inspiradora para essa reflexão, a análise de Catroga sobre as festas e comemorações francesas pós-revolucionárias. Segundo o autor, na festa cívica de culto, “alguns dos seus protagonistas justificam-na em termos quase genesíacos. Com ela, estaria a emergir uma ‘nova era’, um ‘povo novo’, numa espécie de grau zero da história que iria conduzir à definitiva libertação da humanidade”. CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005. p 87.

<sup>50</sup> Arquivo Juarez Távora - Cpdoc-FGV 1930.05.00 (2697-2698/3695).

<sup>51</sup> Idem (2793/3695).

<sup>52</sup> Le GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In. \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 536.

<sup>53</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (1239/3695).

<sup>54</sup> Idem (1704/3695).

<sup>55</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit. p. 74.

<sup>56</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (893/3695).

<sup>57</sup> Idem (2471-2473/3695).

---

<sup>58</sup> Idem (3528-3529/3695).

<sup>59</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV 1930.12.08 (5655-5656/7455).

<sup>60</sup> FÉLIX, Loiva Otero. A fabricação do carisma: a construção mítico-heróica na memória republicana gaúcha. In. FÉLIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. p. 151.

<sup>61</sup> Ainda segundo Loiva Otero Félix “o mito é sempre definidor de fronteiras: internas pela identificação dos imbuídos da mesma crença, coerência e lógica próprias ao relato/explicação em que se constitui, e, externas, porque, ao definir a identidade dos seus iguais, automaticamente definem, nas suas fronteiras, os excluídos (...) aqueles que não têm uma memória comum e não possuem a legitimidade social do grupo em questão. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo na qual o novo chefe político, ungido à condição de guia de profeta, de vidente, de ligação do grupo, desempenha o papel de iluminador da história futura (...), heroicizado e mitificado.” FÉLIX, Loiva Otero. Op. Cit. p. 144.

<sup>62</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (3556/3695).

<sup>63</sup> Idem (711/3695).

<sup>64</sup> Idem (2891/3695).

<sup>65</sup> Idem (3218/3695).

<sup>66</sup> Idem (74/3695).

<sup>67</sup> Idem (2548/3695).

<sup>68</sup> Idem (870/3695).

<sup>69</sup> Idem (793-794/3695).

<sup>70</sup> Idem (795/3695).

<sup>71</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit. p. 79.

<sup>72</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (1591/3695).

<sup>73</sup> GIRARDET, Raoul. Op. Cit. pp. 79-80.

<sup>74</sup> Arquivo Juarez Távora – Cpdoc-FGV dpf 1930.05.00 (1283/3695).